

Sociedade



Isabel Branco, de 47 anos, escolheu a palavra "mãe" porque está a aprender a ler ao mesmo tempo que a filha



Aminata Seide tem 40 anos e já consegue escrever o nome da filha: Bobo

REPORTAGEM. EXISTEM 300 MIL PORTUGUESES ANALFABETOS

# VIVER SEM SABER LER

Há quem tenha medo de se perder no metro, quem não consiga fazer compras no supermercado e at de adultos que estão a aprender hoje o que não conseguiram quando andavam na escola. Porque ser e



Matilde Correia, 67 anos, só quando se reformou conseguiu começar a estudar



Com 33 anos, Raquel Patrício escolheu uma palavra que lhe diz muito: amizade





Lidia  
Nascimento,  
37 anos, nunca  
foi à escola: está  
há dois anos a  
aprender a ler e  
a escrever

# NEM ESCREVER

é comprar produtos fora do prazo por incompreensão. Conheça histórias escolarizadas não é sinónimo de ser alfabetizado. Por **Mónica Baltazar**



Amor foi a palavra  
escolhida por  
Mariama Mané,  
de 30 anos

**Q**uinta-feira, 19h. Três mesas, colocadas em forma de U, na sala onde durante o dia se sentam crianças e jovens que frequentam o apoio ao estudo, estão prontas para receber as seis alunas da aula de alfabetização da Associação de Residentes do Alto do Lumiar (ARAL), em Lisboa. No dia em que a **SÁBADO** assistiu à aula, dada pelo jurista Lourenço Roque, voluntário da associação, só compareceram três alunas. Uma das ausentes foi a aluna mais velha, a Dona Carmen, de 92 anos, que só falta à aula quando o elevador do prédio não funciona. Neste dia, o elevador avariado impediu que descesse do segundo andar e caminhasse alguns metros até às instalações da ARAL. Foi vendedora de hortaliças no mercado, sempre soube fazer contas, mas não sabia ler nem escrever e frequenta as aulas de alfabetização da associação há dois anos. A ausência da aluna é comentada no início da aula, assim como o atraso da mais nova, Daniela. 35 anos, que mora em Santo António dos Cavaleiros e vem de autocarro para o Lumiar.

Nem o trânsito, nem a chuva impediram que ainda assistisse aos últimos 15 minutos. Apressada, senta-se e resiste a comer o lanche que traz na mala, como sempre faz quando chega à sala. Daniela frequentou a escola até ao 3º ano, o pouco que aprendeu na altura foi entretanto esquecido e assim que soube da existência das aulas de alfabetização não hesitou. “Às vezes, quando vou no autocarro, tento ler os destinos, umas vezes consigo, outras não”, conta. A ida ao supermercado também é um desafio e implica muitas vezes ter de pedir ajuda para saber os preços. O analfabetismo tem condicionado a vida profissional da

FOTOS: MARILINE ALVES

Área: 2432cm² / 80%

Tiragem: 100.000  
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8070635



Um jovem natural de Angola, mãe de uma adolescente que está no 9º ano. Trabalhou no setor das limpezas e admite que a falta de escolaridade tem sido um entrave. O sonho de Daniela é conseguir ler e trabalhar na área da informática. Apesar da timidez, é com orgulho que nos diz que já consegue ler sítios como “Alverca”.

A ideia da criação das aulas de alfabetização na associação surgiu durante os confinamentos da pandemia. “Tínhamos de ficar em casa e o Estado entendia que qualquer um era capaz de responder e usar as ferramentas ao seu dispor, mas havia pessoas idosas sem computador e muitas vezes nem sabiam ler nem escrever. O telemóvel servia apenas para comunicar com familiares, e isso criava um fator de exclusão”, explica José Almeida, presidente da ARAL. Esta não é a única associação que ensina adultos a ler e a escrever. Aliás, os dados do Censos 2021 revelam que existem cerca de 300 mil portugueses que não sabem ler nem escrever. No Centro de Educação, Formação e Certificação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em Alvalade, o curso Alfabetizar e Integrar é frequentado por 12 alunos com idades entre os 30 e os 67 anos. De segunda a sexta-feira, das 9h30 às 12h30, as formadoras Patrícia Ferreira, Joana Almeida e Sofia Martins ensinam a juntar letras e a formar palavras.

Na manhã em que a **SABADO** assistiu à aula, uma das tarefas era identificar as palavras mais difíceis num texto do livro *Orelhas de Borboleta*, de Luísa Aguilar. Para Raquel Patrício, 33 anos, a palavra “revoluteiam” foi a mais difícil de ler e entender. Natural do Funchal, mora nos Olivais Sul, andou na escola até ao 4º ano, mas nunca aprendeu a ler nem a escrever. Tem um filho com 9 anos que está



**José Almeida**

A ARAL foi criada em 2006. Tem oferta desportiva, uma biblioteca e vende livros a menos de 5 euros

**“O ANALFABETISMO TEM SIDO INVISÍVEL NA SOCIEDADE PORTUGUESA”, DIZ A INVESTIGADORA CARMEN CAVACO**

▼ No centro da Santa Casa têm aulas diárias. Isabel e Raquel (dir.ª) são das mais avançadas

no 2º ano e outro com 12 que está no 6º ano. “Eles ficaram contentes quando souberam. O mais velho já sabe ler e escrever, mas o mais pequeno ainda não sabe quase nada. Já o consigo ajudar nos trabalhos de casa com as coisas que já aprendi”, conta. Raquel, que chegou a começar uma formação para ser cozinheira, diz que o seu grande objetivo é frequentar um curso de cozinha e conseguir um emprego. Joana Almeida explica que as dificuldades que os alunos sentem prendem-se com as coisas mais simples. “Chegam-nos aqui com cartas que não conseguem ler ou com a marcação de consultas. Passado o período de formação dizem-nos que já conseguem ler as cartas”, recorda.

Para Domingos Fernandes, presidente do Conselho Nacional de Educação, está já demonstrado que os filhos dos pais pouco escolarizados têm mais tendência a ter dificuldades na progressão das aprendizagens, por isso defende que é essencial focar os esforços na educação das crianças nos primeiros anos. “Muitos alunos são deixados para trás logo no

**Retrato nacional**

**A maioria dos analfabetos tem mais de 75 anos**

**A taxa de analfabetismo em Lisboa é semelhante**

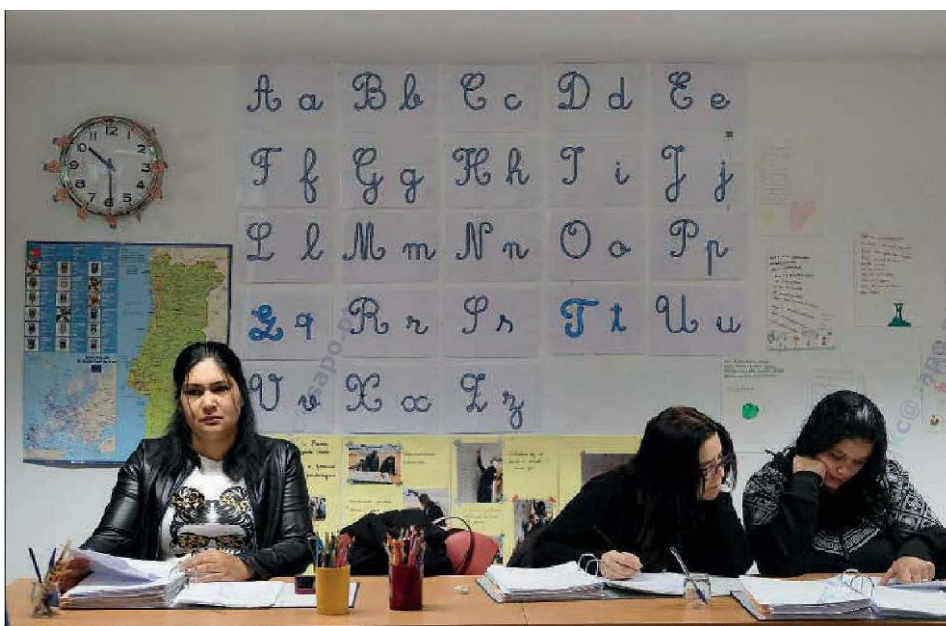
à média nacional (3,19 %) e maior entre as mulheres (4,41%). Marvila é a freguesia com maior taxa: 6,85 %

**Jovens**

**Existem 33.607 pessoas**

entre os 10 e os 49 anos que não sabem ler nem escrever em Portugal

início da escolaridade, por razões diversas. Temos crianças de 7, 8, 9 anos e até mais velhos que vão progredindo e não aprenderam a ler. Ser escolarizado não é sinónimo de ser alfabetizado.” Considera ainda que é meritório o empenho das instituições particulares na alfabetização, mas afirma que esta responsabilidade tem de ser assumida pelo Estado. “Não tem havido nas políticas públicas es-





As alunas do Centro de Educação, Formação e Certificação da Santa Casa

paço, lugar, tempo e investimento para lidar com estes jovens adultos que não sabem ler nem escrever. A alfabetização destes jovens acaba por estar nas mãos de instituições da sociedade civil. Considero que o sistema de educação e formação portugueses não deve ignorar estas situações porque ainda são milhares de pessoas”, argumenta.

**Como é difícil o supermercado**

Isabel Branco, de 47 anos, deixa todos os dias a filha de 7 anos na escola às 8h da manhã, antes de seguir para o Centro de Educação, Formação e Certificação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Abandonou a escola quando estava na antiga terceira classe, para tomar conta dos irmãos. Já tinha tentado aprender a ler e a escrever, num curso do Centro de Emprego, mas é neste curso que tem conseguido fazer progressos. Isabel sonha ler um livro completo e ultrapassar as barreiras do dia a dia. “Como não sei ler, só sei o preço do produto. Já cheguei a pedir ajuda à senhora do mercado porque não consegui perceber qual era o preço”, lamenta, mas não é só nas compras que Isabel se guia pelos números. “No autocarro, oriento-me, porque tem números, mas evito andar de metro porque tem palavras e tenho medo de me perder”, confessa.

Isabel trabalhou nas limpezas e foi empregada de balcão, altura em que sentiu a dificuldade de não saber ler, nem saber fazer contas. Tal como Raquel, quer tirar um



Patrícia Ferreira, a formadora, a ler a ficha que a turma da Santa Casa estava a estudar



Joana Almeida é uma das três formadoras do curso Alfabetizar e Integrar e utiliza livros infantis nas aulas

curso de cozinha e é uma das alunas que está perto de passar à próxima fase na aprendizagem: avançar para a conclusão do 4º ano.

Carmen Cavaco, investigadora do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e especialista em formação de adultos, considera que este é um problema atual mas desvalorizado. “O analfabetismo tem sido invisível na sociedade portuguesa porque há uma certa naturalização do fenómeno. Ao contrário de outros países europeus em que o nível de escolarida-

de aumentou de uma forma muito significativa a partir de 1900, em Portugal não aconteceu o mesmo. Pensou-se que este fenómeno seria resolvido de uma forma natural, com a morte das pessoas mais velhas, e com a escolarização dos mais jovens. Não é isso que está a acontecer, ainda há uma taxa de analfabetismo que apesar de residual vai manter-se, embora a tendência seja de redução”, alerta a investigadora.

Matilde Correia, de 67 anos, nasceu em São Tomé e Príncipe e vive em Portugal há 50 anos, mas nunca foi à escola. Apesar disso, não desistiu do sonho de saber ler e escrever. “Não deu para ir à escola porque tinha de ficar em casa a tomar conta dos meus 11 irmãos, depois tive de trabalhar e criar os filhos.” Foi empregada doméstica durante 24 anos, e só entrou numa sala de aula depois de se reformar, já com quatro filhos, 14 netos e uma bisneta. “Encontrei esta hipótese e nunca é tarde para aprender a ler e a escrever. A minha família ficou contente. Os meus netos já me ensinam a fazer os trabalhos”, conta, emocionada.

A investigadora Carmen Cavaco sublinha que a condição de analfabeto não é uma opção. “Ninguém escolhe ser analfabeto, isto resulta de várias situações na vida das pessoas, uma delas está associada à pobreza da família. Os analfabetos silenciam a sua condição por vergonha devido ao estigma que lhe está associado.”

Matilde garante que nunca teve vergonha e que acabou por encontrar formas de ultrapassar a barreira que o analfabetismo impõe. “Quando ia a uma repartição de finanças tinha de procurar a pessoa com a cara mais simpática para pedir ajuda.”

Após dois anos no curso da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a aluna mais velha da sala diz que

**ISABEL, DE 47 ANOS, SONHA LER UM LIVRO INTEIRO E TIRAR UM CURSO DE COZINHA. TEM MEDO DE ANDAR DE METRO**

Área: 2432cm² / 80%

Tiragem: 100.000 FOTO

Cores: 4 Cores

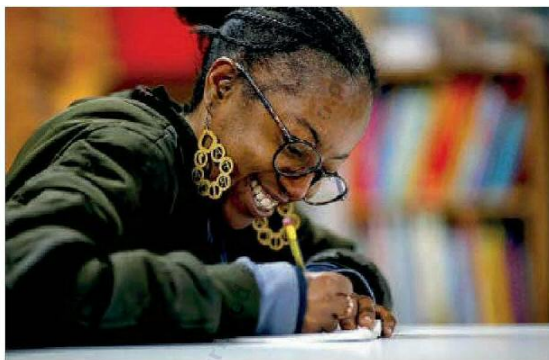
ID: 8070635



🗨 Já consegue ler e fazer contas. Uma conquista que faz a diferença nas pequenas coisas do quotidiano. “No supermercado, levava coisas que tinham passado de validade e agora não. Também já não entro na porta errada”, diz.

Lídia Nascimento, 37 anos, também nunca foi à escola. Admite, com um sorriso envergonhado, que fugia e os pais não sabiam. Nasceu em Santiago do Cacém, a família de etnia cigana mudou-se várias vezes durante a infância, o que não ajudou no processo de aprendizagem. Está desempregada e vive sozinha com os três filhos, de 7, 11 e 16 anos. Quando chegou ao curso só sabia escrever o seu nome. Ao fim de dois anos, Lídia começa a ver os primeiros resultados. “Quando ia às compras não conseguia ver os preços, agora já sei juntar palavras.”

Em casa, os filhos apoiaram-na na decisão de começar a estudar. “Ficaram felizes por estar a aprender a ler e a escrever, a mais nova pede-me sempre ajuda para fazer os trabalhos de casa e a mais velha é quem me ajuda”, explica Lídia, que sonha um dia conseguir ler um livro à filha mais nova.



PAULO CALADO

🕒 Sempre com boa disposição, Daniela, aluna da ARAL, chegou atrasada mas fez questão de trabalhar nos últimos 15 minutos da aula

### Como aprendem? Os professores partem do que os alunos já conhecem

**São identificadas** as letras e os sons que os formandos já conhecem e depois, gradualmente, acrescentadas outras letras e fonemas. Em alguns casos, usa-se o processo **inverso**, ou seja, começa-se pela palavra e só depois é trabalhada a sílaba e a letra. Uma das principais dificuldades de quem está a aprender a ler e a escrever é copiar textos.

**ISABEL LEITE, PROFESSORA, SUBLINHA QUE O ANALFABETISMO TEM CONSEQUÊNCIAS PARA A SEGUNDA GERAÇÃO**

Isabel Leite, professora da Universidade de Évora e membro do conselho consultivo do Edulog, sublinha que o analfabetismo tem consequências para a segunda ge-

ração. “São pessoas que não têm hábitos de leitura, que não conseguem acompanhar os filhos nas suas atividades escolares, e depois temos um efeito geracional com muito baixos níveis de literacia.”

A docente universitária não tem dúvidas de que alguma coisa está a falhar no processo de educação, mas também admite que a solução não é fácil. “Temos de ter professores muito bem preparados para ensinar a ler e a escrever ao nível do primeiro ciclo e garantir que os alunos são capazes de ler e escrever com fluência, e como temos uma população com níveis de escolaridade baixos, estas famílias não são capazes de compensar o que falha na escola”, alerta.

### Homens não aderem

Para a investigadora Carmen Cavaco, Portugal nunca sentiu o analfabetismo como um problema. “A economia portuguesa sempre se baseou numa mão de obra barata, até durante a ditadura. Os governantes diziam que o ideal era manter as pessoas na pobreza e com analfabetismo porque assim não tinham oportunidade de escolha e poderiam desempenhar os trabalhos que as pessoas com mais escolaridade não queriam para si.”

Outra característica nacional, como aponta Lourenço, da Associação de Residentes do Alto do Lumiar, é que nunca viu um homem entrar naquela sala para aprender. Os números mostram que há mais mulheres analfabetas em Portugal e que são elas quem mais pede ajuda para aprender. É o caso de Julieta, que no dia da reportagem da **SÁBADO** fazia 51 anos. Mesmo assim não faltou à aula, fez questão de ir até à ARAL, depois de mais um dia de limpezas na Assembleia da República. 🗨



🕒 Lourenço gosta de um ambiente informal na sala da ARAL. Julieta fazia 51 anos nesse dia e não faltou